

# **A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO PARA INVESTIGAR A EXPERIÊNCIA VIVIDA *UMA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE HUSSERL E DE MERLEAU PONTY***

Maria Lúcia A Sadala - FM Botucatu/UNESP

## **Resumo**

O presente estudo propõe-se a refletir a respeito do método fenomenológico como uma das maneiras de desenvolver a investigação e a aquisição de conhecimento nessa área. Partindo da fenomenologia de Husserl, o estudo apresenta a fenomenologia existencial de Merleau Ponty como o fundamento teórico para o método que propõe. As concepções existenciais deste autor são os conceitos-chave que levam à elaboração da trajetória para a pesquisa fenomenológica. São propostos passos para essa trajetória: a descrição, a redução a análise e a interpretação fenomenológicas; a análise ideográfica e a análise nomotética, desvelando e descrevendo as verdades gerais sobre o fenômeno estudado. Ao final, são analisadas as possibilidades de aplicação do método ao pesquisar na enfermagem.

## **Abstract**

By taking nursing as a human relationships activity, in spite of its strong technical—scientific features, this article reflects on the phenomenological method as one of the ways to develop an investigation and acquire knowledge of the topic. Based on Husserl's phenomenology, which is opposed to the way of doing science based on the laws that regulate the physics and mathematics, the article introduces Merleau Ponty's existential phenomenology as the theoretical foundation for the method it proposes. Existential conceptions of this author - people as historic beings inserted in a world over which they act but which, in its turn, determines them; the human perception as reference for our way of being in the world; the space-time structure of perception - these are the key concepts that have led to the elaboration of an approach to phenomenological research. Steps are proposed for such an approach, namely phenomenological description, reduction and analysis. Finally, the possibilities for applying the methodology to nursing research are discussed, illustrated by my research into student nurses' perspectives on working on an isolation ward.

Keywords: phenomenology, nursing, research.

## **INTRODUÇÃO**

A Fenomenologia tem sido vista pelas enfermeiras como um importante método de aproximação para compreender a experiência de cuidar. Percebida como um modo mais adequado de estudo para investigar o mundo vivido — comparando-se com o método cartesiano, que privilegia o olhar para o objeto de estudo de uma posição pretensamente neutra e estritamente objetiva — este modo de pesquisar, no meu entender, mostra-se mais próprio para as questões humanas, não excluindo o valor das pesquisas estatísticas, porém acrescentando novas perspectivas e ampliando o universo do conhecimento. Este pensamento é melhor descrito por CRITELLI (1995), ao contrapor os dois paradigmas: a abordagem fenomenológica introduz o problema da perspectiva, que invoca necessariamente o caráter de mutabilidade e relatividade da verdade, vistas pela fenomenologia como uma condição que os entes têm de se manifestar no horizonte do tempo, num incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se; ao passo que, no eixo do

pensamento metafísico, pressupõe-se que a verdade seja una, estável e absoluta, bem como a via de acesso a ela. Para esta autora, não há propriamente um método de pesquisa claramente definido ou descrito pelos fenomenólogos: os caminhos de pesquisar se encontram diluídos nas obras dos vários autores ( HUSSERL, HEIDDEGER, MERLEAU PONTY, PAUL RICOEUR E OUTROS).

O presente estudo propõe-se a apresentar a compreensão da autora a respeito do pensamento fenomenológico, trazendo as idéias de HUSSERL e de MERLEAU PONTY; as quais orientarão, num segundo momento do artigo, uma maneira possível para desenvolver-se um projeto de pesquisa nesta abordagem.

A fenomenologia pensada por **HUSSERL (1986)** é uma volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, o ponto de partida de todas as ciências. A Fenomenologia propõe descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais, volta-se para as coisas mesmas como elas se manifestam. Voltar às coisas mesmas significa voltar ao mundo da experiência considerando que, antes da realidade objetiva, há um sujeito que a vivencia; antes da objetividade há um mundo pré-dado, e, antes de todo conhecimento, há uma vida que o fundamentou. Significa que todo conhecimento está na origem da experiência que é o pré-reflexivo (**DARTIGUES, 1973**). Husserl criticava nas ciências positivistas, principalmente na Psicologia, ter tomado os métodos das ciências da natureza e tê-los aplicado sem discernir que o seu objetivo é diverso. Esta preocupação já aparecera anteriormente em Dilthey, que afirma ser preciso voltar ao “sentido da vida”, mais fundamental que os dados da ciência, conforme está posto em **DARTIGUES (1973)**. A concepção de Husserl busca reintegrar o mundo da ciência ao mundo-vida\*. Associa o fenômeno e o ser de uma forma indissociável: só pode haver o fenômeno enquanto houver o sujeito no qual a experiência desse fenômeno se situa. De acordo com **MARTINS; BICUDO (1989)** a fenomenologia descreve a experiência do homem tal como ela é, e não segundo as proposições pré-estabelecidas pelas ciências naturais. Trata-se de uma forma particular de fazer ciência: a pesquisa qualitativa, que substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais, e as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas.

O método fenomenológico começa com uma descrição, uma situação vivida no cotidiano (**GIORGI,1986**). Parte de uma posição anterior à do pensamento reflexivo, chamado de pré-reflexivo, que consiste na “**volta às coisas mesmas**”. O pesquisador obtém depoimentos sobre aquilo que está diante dos seus olhos, tal como aparece. Pode-se dizer que os depoimentos descrevem “a presença do dado”, não a sua existência. Neste momento, é importante a **atitude fenomenológica** adotada pelo pesquisador, que lhe permite abertura para viver a experiência de uma forma gestáltica, ou seja, na sua totalidade tentando isolar todo e qualquer julgamento que interfira na sua abertura para a descrição. Ele procura deixar de lado todo e qualquer pensamento predicativo, concepções, julgamentos que possa ter. Ao fazer este movimento, o pesquisador está colocando o fenômeno em **epoché**. A meta do pesquisador é, trabalhando com a descrição do fenômeno, buscar a sua essência, a parte mais invariável da experiência, tal como situada num contexto; a **essência** consistindo, portanto, na natureza própria daquilo que se interroga.

A fenomenologia tem como ponto essencial a **intencionalidade da consciência**, entendida como a direção da consciência para compreender o mundo. A consciência está intencionalizada para o mundo, que ela não envolve ou

possui, mas para o qual ela está sempre voltada (**MARTINS, 1992**). De forma que não existe consciência sem o mundo, e nem o mundo sem a consciência. Mediante a intencionalidade da consciência todos os atos, os gestos, os hábitos, qualquer ação humana tem um significado. A consciência, mediante a intencionalidade, é compreendida como atribuidora do significado para os objetos. Sem estes significados, não se poderia falar nem de objeto nem de essência do objeto.

Neste sentido, a tarefa do pesquisador será analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como se produz o sentido do fenômeno e chegar à sua *essência*. A *redução fenomenológica* é o recurso fundamental para garantir a descrição fiel do fenômeno. A redução põe em evidência a intencionalidade da consciência voltada para o mundo, ao colocar entre parênteses a realidade como a concebe o senso comum, e purificar o fenômeno de tudo o que comporta de “inessencial” e acidental, para fazer aparecer o que é essencial. Husserl concebeu uma técnica que dá ao pensamento a certeza de reter só o essencial do fenômeno em estudo. Este processo chama-se *variação eidética*, e consiste em imaginar todas as variações possíveis do objeto em estudo, a fim de se identificarem os componentes do objeto que não variam, *os invariantes*, que definem a essência do objeto (**DARTIGUES, 1973**).

Assim, o pesquisador, ao investigar um fenômeno — partindo das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa — obtém as descrições desses sujeitos a respeito da sua experiência e tem em mãos discursos significativos e passíveis de serem compreendidos e desvelados na sua essência. A visão da essência do fenômeno torna-se possível por uma noção fundamental, o princípio da intencionalidade: *a consciência compreendida como consciência de alguma coisa*, ou seja, a consciência só é consciência quando está dirigida para um objeto. O estudo da *relação sujeito-objeto consistirá* numa análise descritiva do campo da consciência, o que levou HUSSERL a definir a fenomenologia como “a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos”.

## FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE MERLEAU PONTY

**MERLEAU PONTY** dá continuidade ao pensamento de Husserl. Ele propõe a fenomenologia como a ciência rigorosa da busca das essências, mas também como uma filosofia que vê o homem num mundo que já existe antes da reflexão. Vê este homem como corpo próprio, num lugar, num tempo, em ação, no mundo onde habita. O corpo próprio é o “*sujeito percebedor*”, o ponto de vista do mundo, a estrutura espaço-temporal da experiência perceptual (**MARTINS, 1993**).

A fenomenologia de **MERLEAU PONTY** é existencialista, no sentido de que se preocupa com a existência do homem num mundo pré-dado. Trata-se de uma filosofia que não está interessada no abstrato, mas sim num “homem histórico”, à medida em que este se engaja e existe no mundo (**MARTINS, 1993**). Seguindo Husserl, Merleau Ponty propõe o retorno às coisas mesmas, na busca das essências dos objetos, das qualidades, essas coisas vistas como parte de um mundo vivido, experienciado, que constitui um mundo do irrefletido, sobre o qual se constroem as ciências (**MERLEAU PONTY, 1945**).

“A verdade não habita o homem interior”, ou seja, “não há homem interior”, há o homem no mundo e é no mundo que ele se conhece. Isso supera a noção de uma consciência fechada sobre si própria. Não se trata de negar o mundo interior, como o fazem os empiristas, e não nega a existência do mundo exterior, como o fazem os idealistas. A experiência vivida, pré-reflexiva do ser no mundo (*être-au-monde*), no sentido de ser lançado ao mundo, com a sua intencionalidade, num

mundo que já está aí, pronto, mas não totalmente pronto — estas são as concepções fundantes da fenomenologia merleopontiana, voltada para a compreensão do homem como ser em situação, nunca totalmente livre, mas num mundo também nunca totalmente acabado: nascer é, ao mesmo tempo, nascer do mundo e nascer no mundo. O mundo já está constituído, embora também nunca completamente. Sob a primeira relação, somos solicitados; sob a segunda, somos abertos a uma infinidade de possibilidades. Porém, essa análise ainda é abstrata, porque existimos sob as duas relações ao mesmo tempo. Não há jamais, pois, determinismo e tampouco escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca consciência pura (**MERLEAU PONTY, 1945** - p.V).

Na “Estrutura do Comportamento” e na “Fenomenologia da Percepção”, Merleau Ponty trata do corpo, o corpo próprio, o corpo vivido, a partir do qual posso estar no mundo em relação com os outros e com as coisas. Para ele, o corpo é “nosso ancoradouro no mundo”, ou “o nosso meio geral de deter um mundo”. Ultrapassando a concepção materialista de corpo, que o considera como objeto, e a visão espiritualista que o desconsidera, opondo-o à alma, o corpo para Merleau Ponty confunde-se com o “eu próprio”- “eu não tenho um corpo”, mas sim “eu sou o meu corpo”.

No meu entender, **MERLEAU PONTY** trata o comportamento humano não como simples reação a estímulos, nem como a projeção de atos motivados por uma mente desincorporada. Não é nem exclusivamente objetiva e nem exclusivamente subjetiva, e nem a soma das duas coisas. Trata-se de um *inter-relacionamento dialético* entre o homem, como corpo, que lhe é próprio, e o mundo onde se situa. As condições do mundo não o determinam, embora o limitem, mas ao homem cabe determinar-se pelas suas próprias escolhas.

A idéia de *inter-relacionamento dialético* entre o ser, como corpo vivido, e o mundo é melhor explicitada por **COELHO Jr. (1991)**, ao falar desse corpo como um corpo que simultaneamente percebe e é percebido e, mediante esta percepção, lança-se ao mundo e conhece o mundo, num *movimento ambíguo*, em que constantemente desliza da polaridade universal para a polaridade particular, e desta para aquela.

Ao referir-se ao *movimento ambíguo*, **COELHO Jr.** descreve o sentido de *ambigüidade*. A dialética proposta por **MERLEAU PONTY**, denominada *dialética sem síntese*, esclarece a concepção de *ambigüidade*, no sentido de que nunca chega a uma superação absoluta. Não há verdade absoluta, nem a do conhecimento, nem a da própria ambigüidade. Não há certezas. A interrogação e a investigação permanecem em aberto, sempre em transformação. Como na situação da minha pesquisa, ao atingir o novo horizonte de conhecimento, ao alcançar as respostas à minha questão, descortino novos horizontes de outras questões e me lanço à busca de respostas. O homem, nesta visão, é um eterno vir-a-ser, sempre em movimento, por isso numa dialética sem síntese. Daí ser **MERLEAU PONTY** denominado o filósofo da ambigüidade, esse termo compreendido como busca e transformação contínuas, o que leva o homem sempre adiante, num *vir-a-ser de possibilidades*.

Contrário à visão da ciência positivista, que concebe o homem como um ser estático, constituído de partes autônomas, e que explica os fatos com base na causalidade, toda a obra merleopontiana é uma crítica a esse modelo positivista, principalmente na “Estrutura do Comportamento” e na “Fenomenologia da Percepção”. Ele vê o homem como um conjunto de possibilidades que vai se realizando na sua relação dialética com o mundo. Propõe a volta à experiência real como o dado básico para a constituição da ciência, o que poderíamos definir,

de acordo com **COELHO Jr. (1991)**, como um modelo de *realidade acausal* onde a circularidade do movimento dialético sem síntese aparece muito mais radical do que nos modelos lineares do positivismo. Mantém a oposição e a constante tensão entre as polaridades — o homem e o mundo — sempre em transformação, num movimento de busca incansável a cada novo fenômeno.

O homem, como corpo vivido, no mundo onde habita, encontra seres e coisas que fazem parte desse mundo. Como ele os percebe na sua relação dialética com o mundo? Como ele faz suas escolhas frente a essas limitações?

**MARTINS (1993)** descreve o corpo próprio nesse movimento de uma forma muito clara: “Eu sou o meu corpo, sou espaço, sou tempo, sou lugar, sou linguagem, sou gesto. Em suma, sou o meu corpo — um corpo próprio, vivido, que vive experiências numa realidade concreta. Nesta realidade, neste mundo externo que habito, a minha universalidade encontra a universalidade do outro, que a limita”. Então, neste mundo de relações com o outro, quando falo no eu, falo no *alter ego*, *o eu e o eu que é* o outro. O mundo na minha consciência, portanto, assim como o mundo na consciência do outro, não é um mundo particular. O meu mundo resulta da minha percepção do mundo, e da percepção de mim no mundo pelo outro, e da percepção que tenho do outro, resultando numa subjetividade objetivada, que poderemos chamar *intersubjetividade*. A constituição do mundo é portanto um fenômeno intersubjetivo.

Para **MERLEAU PONTY**, nesta condição de *ser em situação*, num mundo de relações já dado, a universalidade do outro me leva a uma operação seletiva para a adaptação à situação. Cada corpo, com sua própria estrutura, seleciona suas formas de adaptação, que nunca se repetem, nem com os outros, nem com ele próprio em outros momentos e outros lugares.

Nesta perspectiva, mesmo considerando o mundo já dado, a facticidade em que me encontro, as restrições às quais estou submetido, *eu sou* o sujeito das minhas experiências e faço as minhas opções. Estando situado e envolvido num mundo pré-dado, que já está aí, no entanto “eu me dou a mim mesmo, e isto significa que esta situação nunca me está oculta, nunca está ao meu redor como uma necessidade alienada, e eu nunca estou fechado num mundo como um objeto numa caixa. Minha liberdade, o poder fundamental de que gozo, por ser o sujeito de todas as minhas experiências, não diverge de minha inserção no mundo”. (**MARTINS, 1993**).

Relacionando-se com os objetos do mundo, seres e coisas, o homem é *um ser perspectival*, que os percebe de perspectivas particulares, que variam de acordo com o *campo perceptual* - que é *um horizonte*, ou seja, o local das experiências perceptuais. Podemos perceber os objetos de diferentes lugares, em tempos diferentes. Estas idéias constituem conceitos-chave para o estudo que me proponho, ou seja *perspectiva, campo e horizonte*, os quais podem ser melhor explicitados mediante um exemplo que **MERLEAU PONTY (1945, p. 81-83)** utiliza na Fenomenologia da Percepção: a percepção de uma casa, como apresento a seguir, numa tradução livre do texto deste autor:

“Percebemos uma casa vizinha à medida que passamos por ela. Quando nos aproximamos, vemos primeiramente um lado, depois, à medida que caminhamos, vemos a frente da casa e, a seguir, o outro lado. Se contornássemos a casa, veríamos os fundos, e, se pudéssemos entrar, veríamos o interior, de vários ângulos, de acordo com a nossa localização. Como vemos a casa de forma diferente em cada ângulo, sabendo que se trata da mesma casa, concluímos que a casa existe como algo em si, independente de qualquer perspectiva. Por outro lado,

a visão desta, de qualquer ponto em que estejamos, nos permite saber que é uma casa. Ver a casa é, portanto, vê-la de algum lugar, em algum momento, ou seja, vê-la de uma forma perspectival, num determinado local, num determinado tempo, referidos como *um horizonte*. Ver a casa, portanto, implica poder vê-la de várias perspectivas, que são várias possibilidades”.

Estes conceitos relativos à estrutura espaço-temporal da percepção dizem respeito à metodologia fenomenológica fundamentada em **MERLEAU PONTY**: quando solicito as descrições de vários sujeitos sobre determinado fenômeno que investigo, compreendo que cada um dos sujeitos a faz segundo a sua perspectiva de perceber o fenômeno, e as percepções em tempo e locais diversos, por pessoas diferentes, doam-se a mim como várias visões perspectivais do fenômeno, as quais cruzam-se na intersubjetividade e apresentam-me significados comuns que me permitem compreender a estrutura do fenômeno. No momento seguinte, quando faço a interpretação fenomenológica dos dados, a visão da estrutura do fenômeno é compreendida dentro da minha perspectiva de pesquisador, que é uma outra perspectiva, outro campo, outro horizonte, agora o do conhecimento científico. Estes dados interpretados me permitem atingir um campo específico de generalidades, que posso afirmar pertencerem à estrutura geral do fenômeno.

O fenômeno apresenta, portanto, um caráter perspectival. Como algo que se mostra, e ora se oculta, ele se mostra a quem o percebe de acordo com a percepção humana, que é perspectival. Pode-se dizer que o fenômeno nunca se apresenta na sua dimensão total, isso seria uma abstração; a convergência de várias perspectivas no entanto nos leva a perceber a estrutura do fenômeno.

Para esta abordagem, todo o universo da ciência se construiu a partir da percepção do mundo vivido e, ao pensar a ciência com rigor, é necessário rever primeiramente as experiências do mundo vivido do qual a ciência é a expressão segunda.

Nesta perspectiva, ao refletir sobre a questão que me inquieta na minha prática: como as alunas vivenciam a sua experiência de cuidar de pacientes em isolamento, busco a compreensão do vivido pelas alunas numa situação na qual relacionam com um mundo já dado, que está aí, no qual são lançadas, que elas necessariamente terão de enfrentar. Nas suas descrições, focalizo a sua percepção do mundo do isolamento; das pessoas e objetos do isolamento; os significados atribuídos pela sua consciência nesta experiência, e especialmente os significados da relação com o paciente, ao qual deram cuidados.

No meu entender, a fenomenologia existencial de Merleau Ponty, que trata basicamente do ser no mundo, na sua facticidade e na sua liberdade de escolha, pode oferecer contribuições importantes para o estudo da experiência profissional, quando procura colocar o pesquisador na perspectiva dos sujeitos da pesquisa, compreender sua experiência e seus sentimentos, desvelando assim o que é, na visão deles, *estar em situação na experiência de cuidar de doentes*. Este encaminhamento conduz ao referencial da Fenomenologia, que investiga a verdade a partir da origem de todo conhecimento — a experiência do mundo — procurando, a partir daí, descrever o fenômeno, analisá-lo e interpretá-lo, assim chegando à compreensão do que é essencial e invariante — a estrutura do fenômeno. Neste sentido, ao escolher como tema para pesquisa, por exemplo, "a visão de alunas de enfermagem a respeito de cuidar no isolamento", a Fenomenologia emerge como o método mais adequado para conduzir o estudo, no

sentido de me permitir a aproximação e a compreensão das várias perspectivas dos sujeitos que vivenciam o cuidar no mundo do isolamento.

Será descrito, a seguir, como uma possível maneira de desenvolver uma investigação fenomenológica, a trajetória de um projeto de pesquisa que busca compreender a visão das alunas de enfermagem ao cuidar no isolamento. O projeto fundamentou-se na Fenomenologia Existencial de MERLEAU PONTY: a descrição, a redução, a interpretação fenomenológicas, buscando as verdades gerais a respeito do fenômeno — a estrutura do fenômeno cuidar no isolamento, na perspectiva de alunas de enfermagem.

## A INTERROGAÇÃO

O que significa cuidar no isolamento?"

Esta interrogação contém a minha própria inquietação, que faz parte da experiência vivenciada no isolamento ao longo da minha vida profissional. Neste pesquisar busco desenvolver a compreensão deste fenômeno.

Escolhi adentrar nesta compreensão pela perspectiva de alunas de enfermagem que vivenciam a experiência de estar com os pacientes no isolamento. A região de inquérito foi escolhida entre as alunas que iniciavam as suas atividades no isolamento porque quero estudar como acontece a experiência de entrar em contato com o isolamento na perspectiva de alunas, uma vez que reside aí a minha inquietação: como auxiliá-las a se introduzirem no isolamento. Optei por alunas que vivenciavam, no momento em que se desenvolve a pesquisa, o estar no isolamento por acreditar que, ao estarem vivenciando no presente a experiência no isolamento, os seus pensamentos e sentimentos a respeito dessa vivência aparecerão na sua percepção antes de passarem por um processo reflexivo. Procuro, nas suas descrições, a experiência pré-reflexiva, que é a origem de toda a reflexão e dos conhecimentos sobre o mundo.

Explicitados os sujeitos e a região do inquérito, volto à interrogação que foi dirigida às alunas em forma de pergunta.

É necessário que eu a verbalize na forma de uma pergunta clara, que me possibilite obter mais do que uma simples resposta. Desejo um depoimento que responda à inquietação que me instiga a pesquisar. Não apenas uma descrição restrita do que seja estar no isolamento, mas sim a descrição de uma experiência que envolve sentimentos e pensamentos sobre uma realidade vivida, e a percepção desta realidade dentro de um contexto, levando à reflexão dos seus significados e das suas repercussões na existência das pessoas. Inicialmente, perguntava ao meu sujeito da pesquisa "O que é para você cuidar de pacientes no isolamento?", porém, num grupo de estudos fenomenológicos do qual eu participava, o consenso dos demais levou-me a outras elaborações. "O que é ..." poderia chegar a discursos restritos ou definições. "O que significa..." ainda pareceu restritivo. "Como se mostra..." emergiu como a forma de linguagem que mais se aproximaria do que desejava perguntar. Assim, formulei a pergunta para o sujeito do seguinte modo: "Como se mostra para você o cuidar de pacientes no isolamento?"

Sintetizando, a intenção da interrogação, como foi elaborada, é obter uma compreensão do que seja o cuidar no isolamento na perspectiva de alunas de enfermagem e, através da análise interpretativa dos seus discursos, chegar às características essenciais do fenômeno estudado, as quais permitirão compreender os seus significados essenciais — a sua estrutura.

## A DESCRIÇÃO

Dirigi a pergunta norteadora do trabalho a alunas do 3º ano da Faculdade de Enfermagem, que se encontravam desenvolvendo atividades de assistência a pacientes internados no isolamento. Era um grupo de 11 alunas. Após gravar os seus depoimentos e ouvi-los repetidas vezes, considerei que ainda necessitava de mais dados para o estudo e entrevistei mais 7 alunas de outra Faculdade, também realizando atividades no isolamento nesse período.

Durante as entrevistas procurei manter uma postura fenomenológica: apresentei-me, descrevi o meu trabalho, solicitei a sua colaboração, assim como a permissão para gravar. Nesse momento, expliquei-lhes que o projeto havia sido aprovado pela instituição, e obtive o seu consentimento formal. Busquei ouvi-las de forma compreensiva e aberta, sem limite de tempo, envolvendo-me empaticamente, evidenciando o meu interesse. Sem interromper ou fazer outros questionamentos. Nesta abordagem, o sujeito da pesquisa se expressará espontaneamente a respeito dos significados da sua experiência. Os depoimentos foram posteriormente transcritos exatamente como foram expressos.

## TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura total da experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam. Diferentemente do positivismo, que pretende descobrir causas e formular leis, a fenomenologia utiliza a observação atenta para descrever os dados como eles se apresentam. A fenomenologia preocupa-se com a compreensão do fenômeno, não com a sua explicação (**MARTINS, 1993**).

Tratando-se de uma modalidade da pesquisa qualitativa, não se pretende chegar a generalizações. O foco da sua atenção é centralizada no desvelamento do fenômeno, interrogando o mundo ao redor. Procura manter o rigor, não o da precisão numérica, mas um rigor metodológico ao tentar compreender os fenômenos que não são passíveis de serem estudados quantitativamente, por apresentarem dimensões pessoais, sendo mais apropriadamente pesquisados mediante a abordagem qualitativa (**MARTINS, BICUDO, 1989**).

A análise da estrutura do fenômeno situado é uma das possibilidades da pesquisa fenomenológica. É orientada pelas idéias fundamentais da fenomenologia, e segue os passos que apresento a seguir, de acordo com **MARTINS (1993)**.

O primeiro passo deste método fenomenológico consiste na descrição. Todas as ciências, inclusive as exatas, utilizam a descrição como elemento básico da pesquisa. Porém, na pesquisa fenomenológica, a descrição apresenta características especiais, por isso a chamamos *descrição fenomenológica*, que deve retratar e expressar a experiência consciente do sujeito.

O segundo passo é a *redução fenomenológica*, que consiste na crítica reflexiva dos conteúdos da descrição, o que pode ser considerado em três momentos;

- num primeiro momento, mantendo a descrição na sua forma original, o pesquisador a coloca entre parênteses (o que é chamado *epoché*), com o objetivo de procurar analisar a experiência como vivida, não permitindo que seus conceitos pessoais ou teóricos interfiram no rigor do ouvir a descrição;
- num segundo momento, há a criação de uma perspectiva gestáltica radical, na qual o observador e o sujeito são os pontos focais da descrição. Este processo consiste na tematização dos dados da descrição, quando o pesquisador



identifica no discurso do sujeito os pontos significativos, ou seja, o que chamamos *unidades de significado*;

- no terceiro momento desta fase, o pesquisador tenta focalizar as fontes pré-reflexivas do tema, e expressa o significado (insight psicológico) nela contido.

O terceiro passo do método é a *interpretação fenomenológica*, quando se identificam quatro estágios dos procedimentos hermenêuticos:

- a localização dos elementos que estão e os que não estão presentes na descrição;
- o cogito radical, que produz os fenômenos reflexivos presentes à consciência;
- a manifestação dos fenômenos pré-conscientes;
- o resultado final, que é o juízo hermenêutico ou especificação do significado existencial, isto é, o significado do fenômeno que o sujeito vivencia.

Segundo **MARTINS (1993)**, a fenomenologia existencial utiliza a comunicação interpessoal para chegar à compreensão dos significados da experiência vivida pela pessoa. Focaliza a experiência consciente deste sujeito (intenção) que permite limites epistemológicos a serem definidos em nível de descrição. Mediante o uso de inferências lógicas, a redução da experiência consciente permite ao pesquisador localizar aqueles elementos de significado que estão empiricamente presentes na situação, sendo percebidos e expressos mediante o discurso do sujeito.

## A CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

Seguindo os passos propostos por MARTINS, as descrições das alunas sobre a sua experiência foram analisadas e interpretadas: foram identificados, individualmente, em cada depoimento, as *unidades de significado*, ou seja, os trechos do discurso que respondem à pergunta do pesquisador (fig 1). Neste momento de análise individual do discurso efetua-se a *análise ideográfica* (fig 2). O pesquisador interpreta e analisa cada um dos discursos individualmente e, ao final, articula a sua própria compreensão a respeito do depoimento (fig 3). Após a análise ideográfica de cada um dos depoimentos, quando se obtêm todas as unidades de significado de cada um dos discursos, procura-se obter a convergência desses dados (quadro 1). Trata-se então da *análise nomotética*, que mostra a confluência das visões perspectivais de todos os sujeitos da pesquisa e, ao mostrar as convergências, desvela os *invariantes* do fenômeno estudado, a sua *essência*. Nesse caminhar da *análise ideográfica* para a *análise nomotética* são tematizadas e categorizadas as convergências que serão interpretadas pelo pesquisador, que trará para a compreensão dos dados obtidos o conhecimento e os dados de estudos a respeito do tema, procurando ampliar a discussão e a compreensão dos significados desses no universo do conhecimento científico.

Na trajetória fenomenológica, como nas demais modalidades da pesquisa qualitativa, o pesquisador se coloca: inicialmente, quando explicita as suas inquietações e expõe o seu mundo-vida (a experiência que tem vivenciado em relação ao tema do estudo). Durante a coleta dos dados (os depoimentos) e a análise e interpretação ele procura manter a postura fenomenológica: a *epoché*, ou seja, colocar em suspensão tudo o que conhece e pensa a respeito do fenômeno. Porém, ao final da construção dos resultados, o pesquisador coloca-se como participante do estudo ao analisar o que significou para ele a trajetória percorrida, o desvelamento desse novo horizonte no qual ele se situa após o desenvolvimento da pesquisa. Como se ele fechasse um círculo hermenêutico: a evolução do seu próprio conhecimento na intersubjetividade com os sujeitos da

pesquisa, com os autores trazidos à discussão, com a sua própria experiência, antes e durante o decorrer da investigação, mostrando o movimento contínuo da experiência humana.

Como enfermeira e pesquisadora, considero que a grande contribuição da Fenomenologia para a área da Enfermagem reside na possibilidade que abre para o profissional quando desvela a natureza da experiência humana, numa abordagem aberta, perspectival, na qual se compreende a relatividade e a temporalidade do conhecimento, dada a provisoriedade das condições humanas e dados os modos infundáveis de se ser. Trata as questões cognitivas sob o prisma existencial. No meu ponto de vista, a enfermagem pode ser definida como uma relação humana de ajuda, e, nesse sentido, é possível compreender a significativa aceitação e adesão ao modo de pesquisar da fenomenologia. Pode-se afirmar que esta abordagem reforça a tendência atual do cuidar em direção a formas mais humanísticas e próximas ao que nós, enfermeiras, temos de mais reflexivo e afetivo. Em síntese, trata-se de uma busca por compreender os significados da experiência humana — tanto por parte do paciente como por parte dos profissionais na relação de cuidar.

**Palavras-chave:** Fenomenologia, Enfermagem, Pesquisa.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- COELHO JR, N. *Merleau Ponty: filosofia como corpo e existência*, São Paulo: Escuta, 1991.
- CRITELLI, D.M. *A analítica do sentido: uma aproximação e interpretação da real orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense, 1996.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- GIORGI A.O. *Phenomenological and psychological research*. Pittsburgz: Ducherne University Press, 1985.
- HUSSERL E. *A filosofia como ciência do rigor*. Coimbra: Atlântica, 1965.
- MARTINS J., BICUDO M.A. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.
- MARTINS J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poíesis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MERLEAU PONTY M. *La phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- SADALA, M. L. A. *Estar com o paciente: a possibilidade de uma maneira autêntica de cuidar*. Tese(Doutorado), Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, Brasil, 1995.